



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
CENTRO DE ARTES
COLEGIADO DOS CURSOS DE CINEMA

SABRINA LARA CATHARINO

**MAL DE ARQUIVO E REPRESENTAÇÃO DO PENSAMENTO NA SÉRIE DE
TELEVISÃO “SHERLOCK”: O PERSONAGEM SHERLOCK HOLMES**

Pelotas/RS

2018

SABRINA LARA CATHARINO

**MAL DE ARQUIVO E REPRESENTAÇÃO DO PENSAMENTO NA SÉRIE DE
TELEVISÃO “SHERLOCK”: O PERSONAGEM SHERLOCK HOLMES**

Artigo científico apresentado como requisito
parcial para a obtenção do grau de Bacharel em
Cinema de Animação no Centro de Artes da
Universidade Federal de Pelotas.

Orientadora: Prof^a Dr^a Nadia Miranda Leschko

Pelotas/RS

2018

SABRINA LARA CATHARINO

**MAL DE ARQUIVO E REPRESENTAÇÃO DO PENSAMENTO NA SÉRIE DE
TELEVISÃO “SHERLOCK”: O PERSONAGEM SHERLOCK HOLMES**

Artigo científico apresentado como requisito
parcial para a obtenção do grau de Bacharel em
Cinema de Animação no Centro de Artes da
Universidade Federal de Pelotas.

Aprovada em 7 de Março de 2018.

Banca Examinadora:

Prof^a Dr^a Nadia Miranda Leschko

Prof. Dr. Guilherme Carvalho da Rosa

Profa. Dra. Carla Schneider

Resumo

Este artigo propõe uma análise da representação do raciocínio na série britânica Sherlock, às vistas da teoria do mal de arquivo proposta por Jacques Derrida. Verificou-se que a série diferenciava-se de outras adaptações das histórias do detetive justamente por evidenciar o processo de pensamento do personagem, por isso buscou-se analisar quais as implicações que este tipo de representação possuíam na narrativa. Para tanto, a série foi analisada como um todo e seus elementos gráficos foram devidamente categorizados. Com este artigo, espera-se que tais questionamentos sejam analisados e que esta publicação seja relevante para o atual cenário de pesquisa em audiovisual no Brasil.

Palavras-chave: Mal de Arquivo; Jacques Derrida; Sherlock; BBC.

Abstract

This article proposes an analysis of the representation of the reasoning in the British series Sherlock, to the views of the archive fever theory proposed by Jacques Derrida. It was noted that the series differed from other adaptations of the detective's stories precisely for evidencing the main character's process of thought, and for that reason this article investigates what were the implications of this type of representation on the narrative. To do so, the series was analyzed as a whole and its graphic elements were properly categorized. With this article, it is expected that such questions will be analyzed and that this publication will be relevant to the current audiovisual research scenario in Brazil.

Keywords: Archive Fever; Jacques Derrida; Sherlock; BBC.

Lista de Figuras

Figura 1: Pôster oficial da segunda temporada da série	6
Figura 2: Sherlock abalado após pensar ter visto o cão como as histórias descreviam.....	14
Figura 3: Sherlock manda mensagens de texto para os repórteres na coletiva de imprensa.....	16
Figura 4: As conclusões do detetive nos são mostradas na tela no formato de palavras.....	16
Figura 5: Sherlock vê símbolos que mudam constantemente e faz pesquisas em seu celular, mostradas em tempo real.....	17
Figura 6: Sherlock não consegue deduzir nada acerca de Irene Adler	19
Figura 7: Asenção e queda de Sherlock através de manchetes de jornais.....	20
Figura 8: Informações projetadas no rosto de Sherlock.....	21
Figura 9: Sherlock “ouve” os comentário de John Watson.....	22
Figura 10: O raciocínio de Sherlock nos é mostrado projetado no rosto de outras pessoas....	23
Figura 11: O racioc[ínio de Sherlock enquanto está bêbado	24
Figura 12: Magnussen possui a mesma forma arquivada de raciocínio de Sherlock.....	25
Figura 13: Sherlock manipulando fisicamente os pedaços de jornal que funcionam como sua fonte de informação.....	26
Figura 14: O detetive não consegue acompanhar a velocidade de seu próprio raciocínio.....	27
Figura 15: Sherlock se descontrola.....	28

Sumário

Introdução	6
1. A Série.....	8
2. O Mal de Arquivo.....	9
3. Série versus livro.....	11
4. Análise: as mudanças da representação do pensamento do personagem durante a série	14
4.1 Primeira Temporada	15
4.2 Segunda Temporada.....	18
4.3 Terceira Temporada.....	21
4.4 Quarta Temporada	26
5. Considerações Finais.....	28
Referências	30

Introdução

O tema escolhido para a produção deste trabalho de conclusão teórico foi a série britânica *Sherlock* (figura 1), exibida e produzida pelo canal BBC One e criada por Steven Moffat. A produção reimagina e adapta vários contos e romances de Arthur Conan Doyle que tem como personagem principal o detetive Sherlock Holmes e seu amigo, o médico John Watson, trazendo suas histórias para a Londres atual. A série é a que mais rendeu audiência à BBC One (canal em que é veiculada no Reino Unido) em 10 anos (em 2014), além de também ser a série mais assistida no serviço de streaming Netflix em todo o mundo em 2017¹, o que torna estudos sobre a mesma relevantes para o atual cenário audiovisual.



Figura 1: Pôster oficial da segunda temporada da série. Fonte: IMDB. Disponível em <<http://www.imdb.com/title/tt1475582/>> acesso em 05 dez. 2017

Histórias de detetives chamam a minha atenção desde muito nova. Meu primeiro contato com este tipo de literatura se deu, inicialmente, através de livros da autora (também britânica) Agatha Christie e, destes, principalmente os que envolviam o detetive Hercule Poirot. A partir daí, meu interesse se tornou cada vez maior, até que, após ter visto os filmes mais recentes do detetive Sherlock Holmes (Guy Ritchie, 2009 e 2011) e já tendo conhecimento de sua fama, adquiri um dos livros de Sir Arthur Conan Doyle. Os personagens, que já haviam ganhado

¹ HIGH SPEED INTERNET. Disponível em <<https://www.highspeedinternet.com/resources/netflix-what-the-world-is-watching/#netflixlist>> acesso em 29 jan.2017.

minha atenção com a atuação dos atores Robert Downey Jr. e Jude Law, conquistaram-me ainda mais com sua astúcia e elegância através dos livros. Pouco depois soube da série *Sherlock* e imediatamente comecei a assisti-la. Cada episódio me deixava ainda mais apaixonada às histórias, e vê-las adaptadas para os dias atuais de uma maneira coerente - sem contar nas atuações premiadas² dos atores principais - fez com que esta produção se tornasse uma das minhas obras audiovisuais preferidas.

Entretanto, apesar de tudo isso, o que mais me intrigava era o porquê a série se diferenciava tanto de outras adaptações recentes que também modernizavam as histórias do detetive, como é o caso de *Elementary* (2012 - presente). Claramente a principal diferença entre ambas é que, na última, os casos foram transpostos para a cidade de Nova Iorque, enquanto que na primeira permaneceu a essência londrina dos livros. Mas não era apenas isso, havia algo mais que fazia com *Sherlock* fosse diferente de tudo que eu já havia visto.

A resposta para tal questionamento seria, principalmente, a forma como o personagem principal nos é apresentado: Sherlock ainda é o detentor de uma inteligência e memórias ímpares, sem nenhum traquejo social, irônico e viciado em drogas. Entretanto, nesta nova ambientação temos a chance de entrar diretamente no raciocínio do detetive, uma vez que este nos é mostrado na tela na forma de palavras que aparecem conforme Holmes tira suas conclusões.

Este trabalho, portanto, pretende responder à seguinte questão: quais são as implicações narrativas deste tipo de inserção da representação do pensamento do personagem na série? O presente artigo também pretende levantar questionamentos acerca da relação desta prática com a teoria de Jacques Derrida (1995) a respeito do mal de arquivo (que será melhor esclarecida mais adiante).

Assim sendo, a construção deste artigo foi feita em etapas, sendo a primeira destas a observação de todos os treze episódios em sequência, no qual cada um possui em média uma hora e meia de duração. Após isto, os episódios foram novamente assistidos, porém desta vez foram tiradas capturas de tela todas as vezes em que algum tipo de elemento gráfico aparecia em cena, assim como também já foram tomadas algumas notas. As capturas de tela foram então

² Benedict Cumberbatch e Martin Freeman foram indicados para diversos prêmios importantes como o Emmy e o BAFTA (*British Academy of Film and Television Arts*). Fonte: IMDB. Disponível em <http://www.imdb.com/title/tt1475582/awards?ref_=tt_awd> acesso em 30 jan. 2017.

classificadas em quatro categorias diferentes (comunicação, detalhes, materialização do raciocínio e localização geográfica) e assim foi feita uma análise temporada a temporada acerca destas divisões, levando em conta principalmente as materializações do raciocínio. A pesquisa e leitura do material teórico foi realizada após esta etapa e, já com as análises anteriores em mente, foi feita então uma comparação entre ambas.

O artigo está dividido em quatro capítulos, que tratarão da relevância do objeto de estudo para o atual cenário audiovisual mundial, além de discorrer mais profundamente a teoria de base a ser usada. Depois, um dos capítulos fará um paralelo entre um dos episódios da série e o livro em que este se baseou e, após este, haverá um capítulo analisando as transformações ocorridas pelo personagem principal durante a série.

1. A Série

O detetive Sherlock Holmes, criado nos romances e contos escritos por Sir Arthur Conan Doyle no final do século XIX, é um dos personagens de ficção mais carismáticos e mais conhecidos do mundo.³ Tal fama deu ao personagem uma entrada no Guinness World of Records - o livro dos recordes - como o personagem humano de ficção mais retratados em filmes e obras televisivas (em um total de duzentos e cinquenta e quatro), sendo uma das mais recentes a série Sherlock, criada por Steven Moffat e Mark Gatiss e transmitida pelo canal britânico BBC.

Desde sua estreia, em 2010, a série conta com doze episódios divididos entre quatro temporadas e um especial de Natal. Sendo um sucesso de público (o seriado foi o que mais deu audiência à BBC em dez anos), Sherlock tornou-se a série de televisão mais assistida pelo serviço de streaming Netflix no mundo, além de possuir altas classificações em sites de crítica especializados como Rotten Tomatoes e Internet Movie Database (IMDb), exceto por sua última temporada, que não conseguiu agradar tanto aos fãs e críticos (segundo as próprias críticas na página do IMDb e também nos comentários dos espectadores na página da Netflix). Alguns dos prêmios que constam no currículo do seriado são o BAFTA (*British Academy*

³ Segundo pesquisa realizada pelo canal UFTV Gold, cerca de 53% dos britânicos acredita que o investigador existiu de verdade, enquanto, ao mesmo tempo, cerca de 23% acredita que Winston Churchill - primeiro-ministro durante a Segunda Guerra Mundial - foi um personagem fictício. Fonte: DAILY TELEGRAPH. Disponível em <<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/1577511/Winston-Churchill-didnt-really-exist-say-teens.html>> acesso em 28 jan. 2017

Television Awards) de melhor série dramática e melhor ator coadjuvante e o Critics Choice Television Awards por melhor filme ou minissérie e melhor ator, além de diversas indicações para o Emmy.

A produção conta com o ator Benedict Cumberbatch como o detetive principal e Martin Freeman como o médico e ex-soldado John Watson e tem como principal novidade a transferência de suas aventuras para a Londres dos dias atuais. Muitas das histórias originais ainda estão presentes, como o primeiro livro publicado “Um Estudo em Vermelho” (que teve seu nome adaptado para “Um Estudo em Rosa”, na série), “O Cão dos Baskerville”, e até mesmo os contos onde conhecemos seu arqui-inimigo Professor Moriarty (interpretado por Andrew Scott) - todas as histórias, no entanto, sofrem adaptações que as deixam condizentes com as situações atuais. Uma dessas adaptações é a forma como Dr. Watson nos conta os casos em que se envolve: ao invés de publicá-las em periódicos, ele o faz em um blog na internet - assim como o próprio Sherlock, que tem um blog chamado “A Ciência da Dedução” onde publica seus estudos e ensaios.

O seriado também utiliza-se das tecnologias de comunicação de uma forma relevante, uma vez que celulares e laptops estão sempre presentes e possuem um importante papel narrativo em diversos momentos - principalmente quando estes estão relacionados à transmissão de mensagens entre os personagens e também quando estes servem como uma maneira de entrar na mente dos mesmos. Mais sobre este assunto será propriamente analisado futuramente neste artigo.

2. O Mal de Arquivo

Jacques Derrida, filósofo francês, discorre sobre o arquivo em seu livro “Mal de Arquivo - uma impressão Freudiana” (2011) utilizando-se de conceitos do psicanalista Sigmund Freud e baseando-se especialmente em sua obra “O Mal-Estar na Civilização” (1930) publicada após a Primeira Guerra Mundial. Segundo Derrida, a palavra arquivo deriva do conceito grego de *arché*, significando ao mesmo tempo o início, o começo a história e também o comando, poder, ou seja:

Este nome coordena aparentemente dois princípios em um: o princípio da natureza, ou da história, ali onde as coisas começam - princípio físico, histórico ou ontológico - , mas também o princípio da lei ali onde os homens e os deuses comandam, ali onde se exerce a autoridade, a ordem social, nesse lugar a partir do qual a ordem é dada - princípio nomológico. (DERRIDA, p.11, 2001)

Dessa forma, pode-se dizer que o arquivo também remonta ao conceito de *arkhêon*, o lugar (ou a morada) dos arcontes gregos: aqueles que eram responsáveis por interpretar os arquivos e ao mesmo tempo tinham o poder de evocar e convocar a lei. Isso, então, faz com que o arquivo seja ao mesmo tempo aquilo que está guardado e pertence a um lugar (casa, morada) e também aquilo que institui a autoridade sobre o arquivo, ou, em outras palavras, “todo arquivo [...] é ao mesmo tempo instituidor e conservador” (DERRIDA, 2001).

Chegamos então a Freud e sua preocupação com a questão do arquivamento: em “O Mal-Estar na Sociedade” (1930), o psicanalista questiona-se se não estaria gastando tinta e papel (daí a questão da *impressão* propriamente dita) para dizer algo que, segundo ele, seria óbvio e do conhecimento geral de todos. É daí então que se gera uma *pulsão de morte*, de destruição, de perda, já que o ato de arquivar trabalha *contra* a memória, por mais contraditório que isso possa parecer: o arquivo trabalha para apagar tudo aquilo que existe de experiência espontânea e criativa da memória, já que esta funciona como um “bloco mágico” (*Wunderblock*), como um original onde se pode tirar cópias a qualquer hora. Segundo Derrida, esta pulsão de morte “é, acima de tudo, anarquívoca, [...] arquivolítica. Sempre foi, por vocação, silenciosa, destruidora de arquivo” (DERRIDA, 2001). Sendo assim, a memória é a representação de algo novo que ainda não foi revelado e o arquivo é uma representação do que houve que conspira para sua própria destruição.

Em resumo, Derrida afirma que existe um paradoxo na relação do arquivo com a memória, sendo à esta ligação contrastante a que Derrida chamará futuramente de *mal de arquivo*:

E notemos de passagem um paradoxo decisivo [...]: se não há arquivo sem consignação em algum lugar exterior que assegure a possibilidade da memorização, da repetição, da reprodução ou da reimpressão. Então lembremo-nos também que a própria repetição, e até mesmo a compulsão à repetição, é, segundo Freud, indissociável da pulsão de morte, portanto, de destruição. (DERRIDA, 2001, p.23)

A partir disso, chegamos então à questão do suporte do qual o arquivo necessita para existir, algo que é *exterior*, o próprio *Wunderblock*. Tal modelo foi proposto por Freud como uma maneira ou um modelo de exteriorizar a memória, semelhante ao aparelho psíquico apresentado como um “iceberg” e que consiste em três conceitos básicos que se aplicam à toda psicanálise de Freud: o Eu, a parte consciente de nossa personalidade, nossa “realidade” e como os apresentamos para o mundo; o Id, a parte inconsciente que consiste nas pulsões (*eros e thánatos*, prazer e morte) e o Superego, que funciona como um mediador e um filtro entre as

outras duas instâncias, o lugar onde a ética e a moral se manifestam. É daí então que vem o questionamento de Derrida: a evolução das máquinas de arquivar, dos suportes do arquivo (computadores, celulares, e-mails, que ainda não existiam na época de Freud) mudaria a forma como o arquivamento ocorre em nossa sociedade?

Podemos ter como resposta nosso atual relacionamento com a tecnologia, mais precisamente com os *smartphones* e as novas redes sociais. Ao estarmos juntos desses aparelhos todo o tempo, podemos imediatamente publicar aquilo que pensamos à qualquer hora (ou seja, transformar o pensamento em arquivo) e em qualquer lugar. Outro exemplo seria quando, ao lembrarmos de algum acontecimento, vamos imediatamente procurar sobre o mesmo em mecanismos de pesquisa como o Google antes de sequer tentar formar uma imagem mental de tal ocorrido. Dessa forma, ocorre uma violência na medida em que nos relacionamos com o passado de forma completamente arquivada, como afirma Derrida: “[...] Não que a máquina seja uma pura ausência de espontaneidade [...] A máquina - e, portanto, a representação - é a morte e a finitude *no* psíquico” (DERRIDA, 2001, p.26).

Ainda sobre esse quesito, o autor questiona-se:

O aparelho psíquico seria melhor representado ou diferentemente afetado pelos muitos dispositivos técnicos de arquivamento e reprodução, de próteses da memória chamada viva, de simulacros de vivente que já são e serão no futuro tanto mais refinados, complicados, potentes que o “bloco mágico” (microinformatização, eletrônica, computadorização, etc.)? (DERRIDA, 2001, p.27)

O que o leva ainda a outro questionamento: como seria se, ao invés dos milhares de cartas trocadas entre Freud, seus alunos, companheiros e pacientes, fossem utilizadas outras tecnologias como gravadores, computadores ou até mesmo o e-mail? O autor então chega à conclusão de que a psicanálise não seria de forma alguma a mesma, já que, ao haver essa troca, o que aconteceria seria uma passagem do privado para o público e, assim, haveria também uma certa dificuldade em traçar o limite entre essas duas instâncias. Isso, segundo Derrida (2001), afetaria também o direito de propriedade e também o direito de publicar e reproduzir.

3. *Série versus Livro*

“Os Cães de Baskerville” é o segundo episódio da segunda temporada da série, exibido em Janeiro de 2012 e baseado no livro “O Cão dos Baskervilles”, publicado originalmente entre os anos de 1901 e 1902. O episódio, assim como o livro, aborda uma aparente maldição que

persegue uma pequena cidade no interior da Inglaterra, a saber: um enorme cão infernal que se esconde nos pântanos do vilarejo, aterrorizando a todos os seus moradores e, principalmente, os homens de uma das famílias. O enredo dos dois produtos é bastante similar, porém como a série se propõe a atualizar o universo literário, ao invés de termos apenas uma excursão até uma grande mansão de um benfeitor em uma cidadezinha do interior - o Solar Baskerville - temos uma trama recheada de conspirações e bases militares secretas - a Base Baskerville.

Na série, um perturbado Henry Knight procura Sherlock Holmes após encontrar uma enorme pegada do cão que o assombra desde criança, mas o detetive o ignora inicialmente, por achar que aquilo é apenas uma superstição boba. Vale destacar, no entanto, que exatamente as mesmas palavras “Eram as pegadas de um gigantesco cão de caça!” são usadas tanto no romance quanto na adaptação, e são estas que fazem Holmes mudar de ideia. Aqui já é possível perceber uma pequena diferença entre os dois produtos, já que, no livro, ele parece um pouco mais apto a aceitar a possibilidade de uma maldição realmente existir: *"Até agora limitei minhas investigações a este mundo [...] De uma maneira modesta, combati o mal, mas enfrentar o próprio Pai do Mal seria, talvez, uma tarefa ambiciosa demais"* (DOYLE, 2013, p.30). É claro que, ao já estarmos familiarizados com os métodos de investigação do detetive, baseados estritamente em análises racionais e objetivas, podemos ter uma ideia de que o que despertou o interesse do personagem neste caso não foi seu apelo sobrenatural, e sim algum detalhe que até então passa despercebido a nós leitores. De qualquer forma, a série nos mostra muito mais rapidamente o porquê de Sherlock ter decidido pegar o caso: as palavras antiquadas que seu cliente decide usar (a frase no inglês original é *"They were the footprints of a gigantic hound"*, sendo esta última raramente utilizada nos dias de hoje).

Neste momento, no livro, Sherlock é deixado sozinho em Baker Street para que então possa colocar suas ideias em ordem:

Eu sabia que isolamento e solidão eram imprescindíveis para meu amigo nessas horas de intensa concentração mental, durante as quais ponderava cada partícula de evidência, construía teorias alternativas, comparava umas com as outras e decidia quais eram os pontos essenciais e quais os irrelevantes" (DOYLE, 2013, p. 33)

As palavras de Watson captam exatamente a forma de funcionamento do raciocínio do detetive, fato que é explorado neste episódio em uma longa sequência onde Sherlock entra em seu “palácio mental” - lugar imaginário no qual ele deposita todas as suas memórias para que então possa acessá-las a seu bel-prazer. De fato, esta questão é explorada na série como um todo, já que em diversas cenas nos são mostrados momentos em que Holmes se retira ao seu

palácio mental, assim como a necessidade que Sherlock tem de enunciar o percurso de seu raciocínio a Watson ou a quem quer que esteja a seu lado (no próximo capítulo será feita uma análise mais aprofundada sobre estes tópicos).

No quesito narrativo, pode-se dizer que a série soube adaptar os eventos do livro de uma maneira interessante, de forma a dar conta da história ao mesmo tempo em que se percebe o desenvolvimento dos personagens. Em ambos, Sherlock utiliza Watson como uma espécie de experimento para suas ideias. No livro, isso ocorre quando este vai sozinho para a cidadela enquanto Sherlock permanece em Londres; já na série, ocorre quando Watson fica preso em um dos laboratórios da base militar de Baskerville, assim servindo como um meio para que Sherlock teste suas teorias acerca da lenda envolvendo o cão. Existe também, em ambos, a presença de um cão que pode ser tomado como infernal, no entanto, estes são construídos de formas diferentes: no livro, o cão é besuntado com uma fórmula brilhante que o faz ter a aparência demoníaca das lendas. Na série, no entanto, o cão é o resultado de uma espécie de droga misturada à neblina (resultado das experiências da base militar e do projeto *H.O.U.N.D.*), juntamente com o imaginário criado na população com a fama da lenda. Tais fatores, combinados, fazem com que as pessoas, já em um estado sugestionável, vejam justamente aquilo o que são condicionadas a ver (um enorme cachorro preto que cospe fogo pela boca e pelos olhos).

Já no sentido de representação do personagem, percebemos certas diferenças. Seu modo de raciocínio esquemático e rápido é praticamente idêntico em ambos os produtos, o que fica ainda mais claro quando Holmes faz previsões bastante certas ao perseguirem uma carruagem, ao mesmo tempo em que consegue pensar em várias possibilidades de resolução diferentes simultaneamente. Além disso, existe também o fato de o detetive também ser capaz de visitar um lugar apenas “em espírito”, ou seja: dentro de sua própria mente, apenas através da observação de mapas e informações sobre tais lugares. No entanto, ao contrário do Sherlock Holmes quase sempre frio e controlado do livro, o que vemos na série é um detetive que, apesar de inicialmente se apresentar dessa forma, vai se desconstruindo emocionalmente com o decorrer dos episódios. Neste, no caso, ele fica tremendamente abalado e desconcertado quando pensa que realmente viu um cão demoníaco - o que vai contra todas as suas crenças e o faz duvidar de seu próprio intelecto (figura 2).

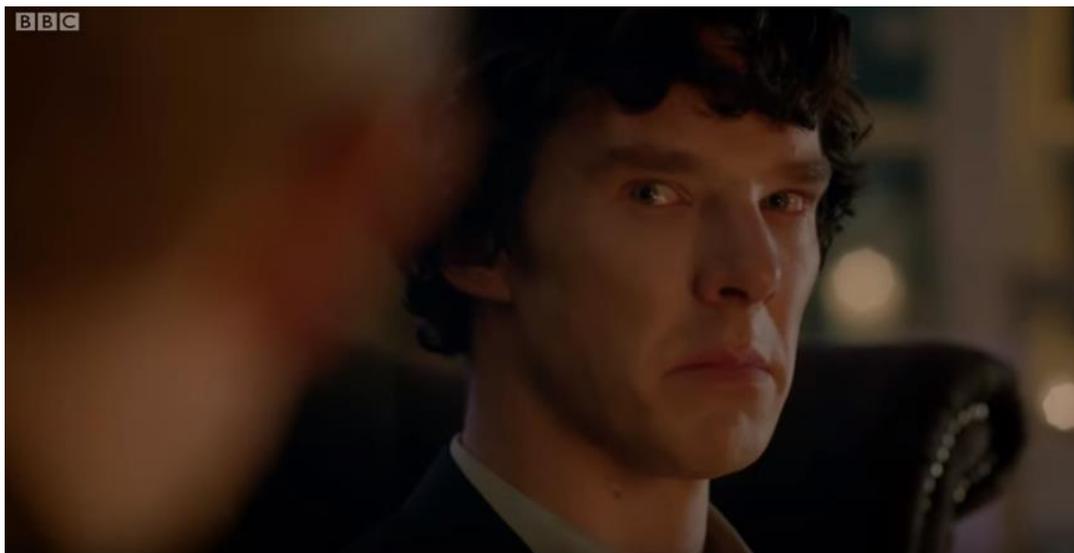


Figura 2 Sherlock abalado após pensar ter visto o cão como as histórias descreviam. Uma cena que seria dificilmente vista nos livros. Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Paul McGuigan, 2012), “The Hounds of Baskerville”, segundo episódio da segunda temporada, a partir de 00:40:13

Nota-se que o detetive do livro também tem seus momentos de fragilidade, como o próprio Watson reconhece neste trecho que se refere à hora em que Holmes e ele encontram um corpo que pensam ser de Sir Henry Baskerville: “[...] e pude ver pela emoção em sua voz que ele, o homem de ferro, estava abalado até a alma” (DOYLE, 2013, p. 142). Entretanto, ao compararmos as reações do detetive dos livros com o detetive da série, percebemos uma diferença gritante - especialmente se compararmos seu comportamento no início da série ao seu no final da mesma.

É válido observar na série, portanto, que enquanto nos é mostrado esse Sherlock emocional e até mesmo frágil, temos também o mesmo homem metódico, centrado e reservado que nos é apresentado nos livros. Este é capaz de utilizar seu próprio amigo como um experimento e que, segundo o próprio Watson, tem como um de seus defeitos “uma extrema relutância em comunicar a totalidade de seus planos a qualquer outra pessoa até o instante de executá-los” (DOYLE, 2013, p. 161).

4. Análise: As mudanças da representação do pensamento do personagem durante a série

Para esta análise foram utilizadas as capturas de telas e suas divisões em categorias (detalhes, localização geográfica, materialização do raciocínio e comunicação), bem como a observação dos episódios da série. Os detalhes também podem funcionar como materialização

do raciocínio de Sherlock, já que muitas vezes apenas a observação dos mesmos leva o personagem às conclusões necessárias. O mesmo funciona com as localizações especiais (principalmente as que aparecem nos primeiros episódios da primeira e terceira temporada) pois estes funcionam como uma materialização em tempo real das decisões que estão sendo tomadas pelos personagens. No caso da sequência da primeira temporada, vemos que isso também se aplica à algumas decisões feitas por John Watson, como quando ele hesita em pular de um telhado para o outro.

Durante a série, tais detalhes também podem funcionar para mostrar o ponto de vista de outros personagens que não sejam Sherlock, como quando, logo no início do primeiro episódio, vemos Watson tentando sem sucesso escrever em seu blog pessoal - blog este que depois servirá como a principal fonte das histórias (e da fama) do detetive e seu assistente. A comunicação entre os personagens através das mensagens de texto também é importante para que entendamos as relações entre os mesmos e que possamos até mesmo antecipar algumas ações (mais exemplos na segunda temporada).

Em resumo, o modo como nos é apresentado o raciocínio do detetive muda conforme o personagem evolui. De início temos sequências normalmente curtas, que se valem apenas de elementos gráficos para mostrar as cadeias de pensamento que o levam às conclusões. Depois, conforme Holmes constrói relacionamentos mais fortes e importantes com as pessoas ao seu redor, temos sequências que mergulham diretamente dentro de sua mente e nos mostram o detetive sendo ajudado por outros personagens.

4.1 Primeira temporada

Sherlock nos é apresentado logo no início do primeiro episódio através das mensagens de texto que ele manda para os repórteres na coletiva de imprensa (figura 3). Nesta temporada somos rapidamente introduzidos à forma como funciona o raciocínio do detetive (as palavras que se destacam na tela a cada nova observação que ele realiza, figura 4)), uma identidade que se mantém praticamente sem alterações até o final da série, mas que vai evoluindo juntamente com o detetive. Outro fator que merece ser mencionado é a tendência que Sherlock tem de anotar todas as novas informações que consegue reunir e assim, na maioria das vezes, dispô-las em sua frente na forma de mapas de conceitos. Este artifício, portanto, pode ser considerado como sendo seu *wunderblock*, ou seja, uma forma que o detetive tem de exteriorizar e organizar suas memórias e informações, para que possa depois consultá-las e analisá-las.



Figura 3 Sherlock manda mensagens de texto para os repórteres na coletiva de imprensa. Fonte: Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Paul McGuigan, 2010), “A Study in Pink”, primeiro episódio da primeira temporada, a partir de 00:24:34



Figura 4 As conclusões do detetive nos são mostradas na tela no formato de palavras. Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Paul McGuigan, 2010), “A Study in Pink”, primeiro episódio da primeira temporada, a partir de 00:24:34

Diversas vezes, durante esta temporada introdutória, nos são mostrados em tela o resultado das pesquisas que o detetive faz em seu celular, em tempo real. Ao mesmo tempo, em determinado momento, quando Sherlock precisa desvendar o significado de um misterioso símbolo, diversos caracteres surgem e logo em seguida são substituídos por outros (figura 5).

Isso denota uma velocidade de processamento de informações praticamente sobre-humana, que se compara à velocidade em que o computador (nesse caso o *smartphone* do detetive) se conecta à internet e lhe mostra as respostas de sua pesquisa. Aqui, portanto, Sherlock se mostra como uma “máquina de arquivar”



Figura 5 Sherlock vê símbolos que mudam constantemente e faz pesquisas em seu celular, mostradas em tempo real Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Euros Lyn, 2010), “The Blind Banker”, segundo episódio da primeira temporada, 00:21:32, e SHERLOCK (Paul McGuigan, 2010), “The Great Game”, terceiro episódio da primeira temporada, a partir de 00:50:49

Sherlock, durante esses três primeiros episódios, nos é mostrado da forma como ficou conhecido através dos livros de Arthur Conan Doyle: um detetive brilhante, porém sem praticamente nenhum traquejo social; que por vezes é ríspido e indelicado sem perceber e que faz suas deduções sempre sozinho, sem precisar de ajuda externa.

4.2 Segunda Temporada

A segunda temporada é semelhante à primeira quanto ao uso dos elementos gráficos. A diferença, no entanto, é que agora conseguimos perceber um aprofundamento não apenas da relação de Holmes com Watson, mas também de suas relações com outros personagens importantes como o investigador Lestrade, a legista Molly e até mesmo com a misteriosa Irene Adler, também chamada de “A Mulher”. Pode-se dizer que é a partir da segunda temporada que os relacionamentos em geral se tornam extremamente importantes para a narrativa da série, uma vez que há uma notável mudança no comportamento de Sherlock: ele parece mais atento às pessoas ao seu redor e chega até mesmo a se desculpar algumas vezes.

Além disso, logo no primeiro episódio é possível perceber tal mudança, já que ele se interessa por Irene Adler - uma misteriosa dominatrix que guarda um segredo importante do governo britânico. Nesse mesmo episódio, começamos a perceber que nem sempre Sherlock consegue ter todas as respostas de imediato, já que: a) ele não consegue extrair informações sobre “A Mulher” apenas com alguns poucos olhares, enquanto consegue fazê-lo com todos os outros personagens (figura 6); e b) o detetive começa a demorar mais e mais até chegar a alguma conclusão. Dessa forma, todos os três episódios dessa temporada dedicam um tempo bastante grande para mostrar o raciocínio de Holmes: no primeiro, ele só consegue decifrar a senha do celular de Irene Adler nos minutos finais; no segundo, há uma longa sequência em que Sherlock precisa acessar seu “palácio mental” (local imaginário onde ele deposita suas memórias) para enfim entender parte do que está acontecendo; e no terceiro ele também leva vários minutos para chegar a uma conclusão à respeito das pistas que seu arquirrival Moriarty lhe dá.

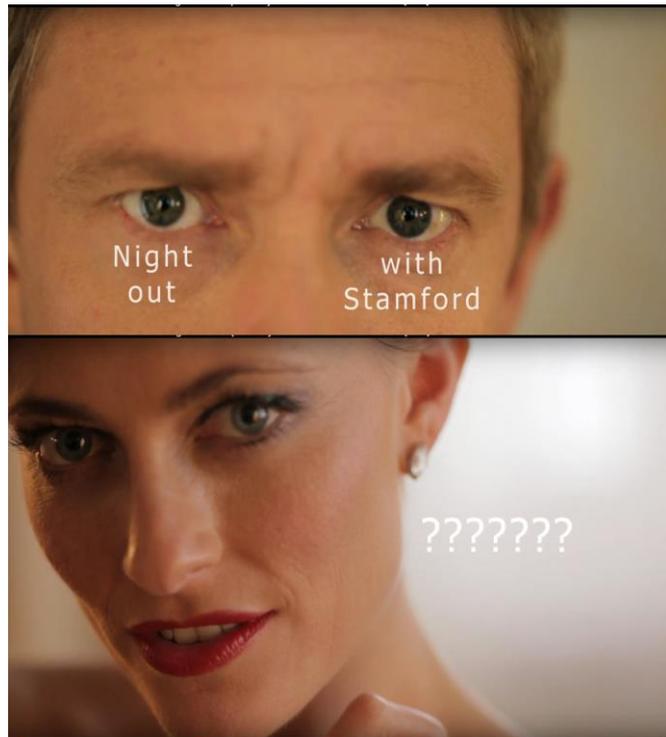


Figura 6 Sherlock não consegue deduzir nada acerca de Irene Adler. Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Paul McGuigan, 2012), “A Scandal in Belgravia”, primeiro episódio da segunda temporada, a partir de 00:25:11

Neste momento, é importante notar que a própria existência de tal palácio mental reflete-se no conceito de *arkhêon*: esse mecanismo funciona nada mais do que como uma casa, um depósito, onde as memórias podem ser jogadas para serem acessadas novamente a qualquer momento. Isto, para Sherlock, parece funcionar como uma forma de descarregar informações antigas e dar lugar a novas, da mesma forma que também funciona como uma espécie de *upgrade* de seus mapas conceituais.

Ao mesmo tempo também somos introduzidos a um fator relevante que permeia toda a temporada: a fama que Sherlock consegue através do blog de John Watson, que relata seus casos e histórias e que será o que causará sua queda (figurativa e literal) no último episódio. Uma questão que pode ser observada nesse mesmo episódio é que, se observarmos apenas os detalhes das matérias de jornal que aparecem na tela, conseguimos ter uma certa noção dos principais acontecimentos do mesmo (figura 7).



Figura 7 Ascensão e queda de Sherlock através de manchetes de jornais. Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Toby Haynes, 2012), “The Reichenbach Fall”, terceiro episódio da segunda temporada, diversos momentos do episódio.

Neste momento, o conceito de *wunderblock* volta à tona no formato do blog de Watson, uma vez que este é o local onde o mesmo exterioriza, e, portanto, registra, todas as suas memórias das aventuras que viveu com Sherlock, incluindo suas vitórias e falhas. Por mais que inicialmente o detetive resista a este tipo de exposição, ele eventualmente acaba aceitando e cedendo a essa fama. Entretanto, sua notoriedade como um detetive genial acaba voltando-se contra ele quando uma investigadora começa a duvidar que suas capacidades sejam reais, acusando-o então de fabricar os crimes e até mesmo seu inimigo, Jim Moriarty.

A partir daí, todos os veículos de notícias começam a também acusá-lo, o que o leva a cometer um suposto suicídio ao final da temporada. Mesmo que a existência de Moriarty e a autenticidade de Sherlock tenham sido confirmadas após este incidente, já é tarde demais: todas as acusações já foram arquivadas no momento em que foram publicadas e, portanto, não podem ser “esquecidas” (no sentido em que estas informações podem ser acessadas novamente a qualquer momento).

Nesta temporada, pode-se notar também a introdução do recurso de projetar suas deduções e pesquisas em seu rosto (figura 8), fato que continua sendo feito na continuação da série, porém de um modo ligeiramente diferente (mais sobre isso será discutido na próxima seção). É possível, então, fazermos uma relação com a teoria de Derrida acerca do arquivo, quando este diz:

[...]. De modo reiterado, deixa o rastro de uma incisão diretamente na pele: mais de uma pele, em mais de uma era. Literal ou figurativa. A estratificação folheada, a superimpressão peculiar destas marcas cutâneas parecem desafiar a análise. Acumula muitos arquivos sedimentados, alguns dos quais são escritos diretamente na epiderme de um corpo próprio; outros sobre o suporte de um corpo “exterior” (DERRIDA, 2001, p.33)

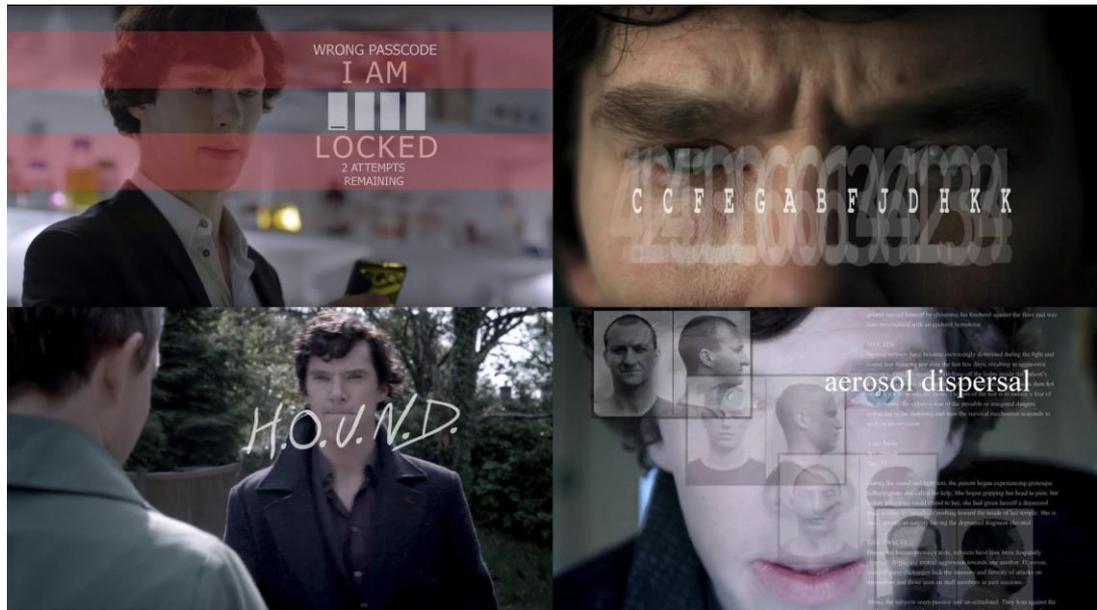


Figura 8 Informações projetadas no rosto de Sherlock. Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Paul McGuigan, 2012), “A Scandal in Belgravia”, primeiro episódio da segunda temporada e “The Hounds of Baskerville”, segundo episódio da segunda temporada, em diversos momentos dos episódios

As comunicações via mensagens de texto também compõem um papel importante tanto para o entendimento do personagem principal (sua relação com “A Mulher” é toda feita através destas mensagens) quanto para a narrativa da série, principalmente no último episódio, onde Sherlock precisa se comunicar com Moriarty para então colocar seu plano em ação (plano que só será revelado na terceira temporada, mas que precisou do envolvimento de outros personagens - daí a importância do desenvolvimento de seus relacionamentos).

4.3 Terceira Temporada

Se antes tínhamos apenas uma ideia de como funcionava o raciocínio de Sherlock, nesta temporada conseguimos mergulhar profundamente na cabeça do detetive. Seus relacionamentos com as pessoas ao seu redor tornam-se extremamente importantes para o desenvolvimento do personagem e da narrativa, já que agora Holmes precisa lidar com o fato

de que fingiu estar morto por dois anos e que, nesse meio tempo, Watson encontrou sua parceira e futura esposa Mary Morstan.

Novamente, o tempo dedicado às suas brilhantes deduções em cada episódio (principalmente no segundo e no terceiro) é longo, porém desta vez temos a oportunidade de ver e ouvir outros personagens que interagem com o detetive no momento em que sua mente realiza as deduções: logo no primeiro episódio, Sherlock está investigando um estranho caso sem a companhia de John e, ainda assim, consegue “ouvir” as palavras que ele falaria em determinados momentos (palavras estas que são mostradas na tela e se dispersam conforme ele balança sua cabeça, figura 9). Em outros momentos, sua cadeia de pensamentos se materializa em um tribunal onde várias pessoas - as vítimas de um outro caso - respondem suas perguntas; e em outros até mesmo Moriarty, morto no episódio final da segunda temporada, e seu irmão Mycroft podem ser vistos.

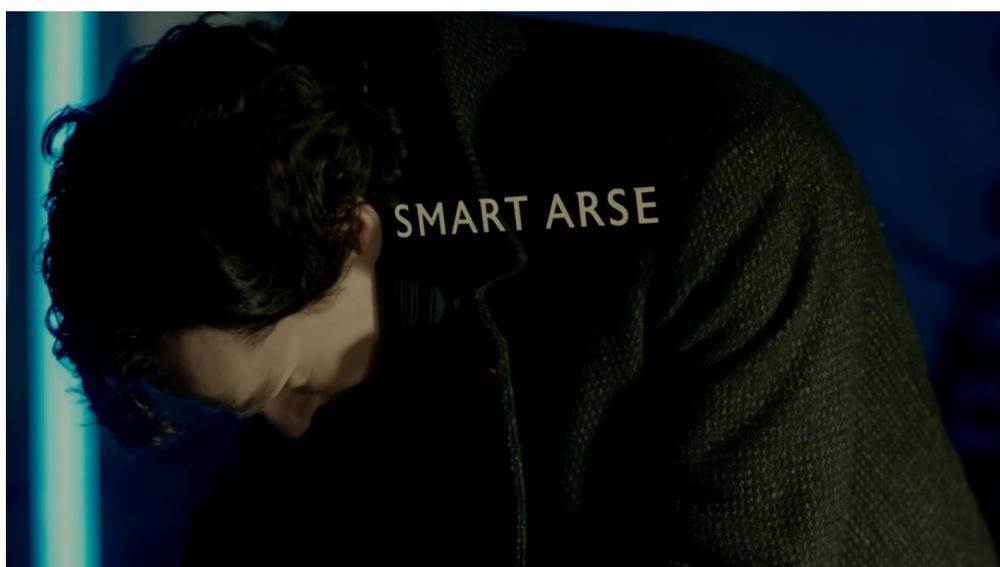


Figura 9 *Sherlock* “ouve” os comentários de John Watson. Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Jeremy Lovering, 2014), “The Empty Hearse”, primeiro episódio da terceira temporada, partir de 00:41:38

Aqui, novamente é utilizado o recurso de literalmente projetar as informações nos rostos das pessoas (figura 10), sejam elas as vítimas de quem Sherlock investiga os currículos, seja no próprio detetive. Há uma diferença notável entre a mesma estratégia utilizada na temporada anterior: neste momento, as outras pessoas são o suporte externo, o corpo exterior (DERRIDA, 2001) onde se depositam as deduções do detetive. Este fato é uma confirmação de que agora Sherlock precisa se apoiar em outros para que suas conclusões façam sentido. Sua

postura, então, muda de um detetive mais ativo - um que reúne um imenso número de informações e as processa rapidamente - para alguém mais passivo. O trabalho mental ainda precisa ser feito (já que as informações não iriam se conectar sozinhas), porém a diferença é que agora Sherlock aceita a ajuda e as dicas de outras pessoas e inclusive de seu irmão, fato que seria impensável nas temporadas anteriores.



Figura 10 O raciocínio de Sherlock é mostrado projetado nos rostos de outras pessoas. Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Jeremy Lovering, 2014), “The Empty Hearse”, primeiro episódio da terceira temporada, a partir de 00:26:11; SHERLOCK (Colm McCarthy, 2014), “The Sign of Three”, segundo episódio da terceira temporada, a partir de 01:00:29 e SHERLOCK (Nick Hurran, 2014), “His Last Vow”, terceiro episódio da terceira temporada, 00:33:50.

No segundo episódio temos uma noção ainda maior de como a mente do detetive funciona: quando ele e Watson estão bêbados e precisam investigar a cena de um crime, as deduções que vemos na tela não fazem muito sentido e estão sempre acompanhadas por vários pontos de interrogação, além de também se repetirem e serem apresentadas de uma forma confusa e desfocadas (figura 11), de modo a mostrar que o raciocínio de Sherlock foi afetado pelo álcool. De fato, a partir desta temporada suas deduções são sempre mostradas de uma maneira um pouco desordenada e caótica - contrastando bastante com o estilo mais *clean* e “certo” das outras temporadas.



Figura 11 O raciocínio de Sherlock enquanto está bêbado. Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Colm McCarthy, 2014), “The Sign of Three”, segundo episódio da terceira temporada, a partir de 00:51:58.

Ao mesmo tempo, aprendemos que o brilhante detetive por vezes não consegue concluir uma investigação ou simplesmente se engana - fato decisivo para que possamos entender sua decisão de atirar no perigoso Charles Augustus Magnussen, um conhecido chantagista que, por sua culpa, acaba detendo segredos importantíssimos acerca do governo britânico.

Vale notar que o tipo de raciocínio utilizado por Sherlock Holmes (tanto nos livros como em suas adaptações audiovisuais) é baseado no método dedutivo, no qual se parte de afirmações gerais para as específicas e depois tiram-se conclusões acerca das mesmas. Um exemplo da aplicação deste método seria que ao tomarmos as premissas “Todo mamífero tem um coração” e “Ora, todos os cães são mamíferos”, a conclusão a que se chegaria seria então, por consequência, “todos os cães possuem um coração” (LAKATOS, 2003). Esta forma de raciocínio, então, parte do universal para o particular, ao contrário do método indutivo, que parte do particular para o universal.

Ainda segundo a autora:

[...]. Quando a conclusão do argumento dedutivo afirma que todos os cães têm um coração, está dizendo alguma coisa que, na verdade, já tinha sido dita nas premissas; portanto, como todo argumento dedutivo, reformula ou enuncia de modo explícito a informação já contida nas premissas. Dessa forma, a conclusão, a rigor, não diz mais que as premissas, ela tem de ser verdadeira se as premissas o forem. [...] Os dois tipos de argumentos têm finalidades diversas – o dedutivo tem o propósito de explicar o conteúdo das premissas; o indutivo tem o desígnio de ampliar o alcance dos conhecimentos. (LAKATOS, p. 92, 2003)

Este método, portanto, não funciona quando é aplicado às ciências sociais ou ao comportamento humano, uma vez que este não funciona como uma operação matemática com resultados certos e repetitivos. A série, ao cristalizar o raciocínio de Holmes em uma série de esquemas gráficos, parece querer reforçar ainda mais esse tipo de “falha” no raciocínio. Tentar racionalizar algo que é irrepresentável (o raciocínio e a memória) acaba fazendo com que estes sejam reduzidos apenas a esta representação, retirando assim toda sua potência criativa. É por isso, então, que o Sherlock da série é capaz de se enganar tantas vezes, já que sua capacidade de criar e prever relações e ações acaba ficando tão limitada.

Essa é a primeira vez que também nos é mostrado um vilão que possui um sistema de raciocínio parecido com Sherlock, já que Magnussen também se utiliza do “palácio da memória” para armazenar informações que lhe servirão para mais tarde chantagear quem quer que seja. O fato de que todos os dados e fraquezas daqueles com que o vilão interage nos são mostrados na tela (figura 12) nos engana da mesma forma que enganou o detetive: pensamos que as palavras que aparecem na tela são resultado de algum tipo de sistema de identificação colocado em seus óculos, quando, na verdade, tudo aquilo está guardado em sua memória e ele apenas “acessa os arquivos” no momento em que desejar.

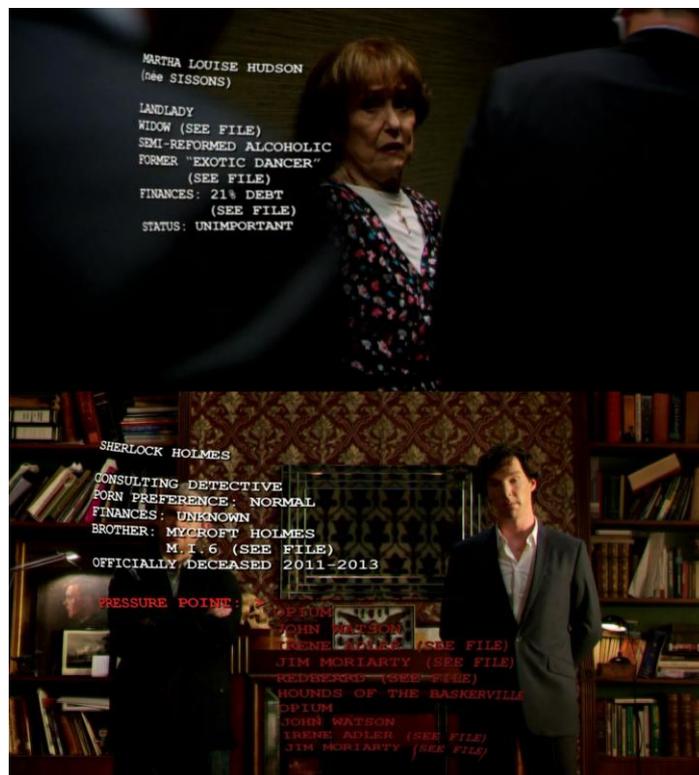


Figura 12 Magnussen possui a mesma forma arquivada de raciocínio de Sherlock. Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Nick Hurran, 2014), “His Last Vow”, terceiro episódio da terceira temporada, a partir de 00:23:12

4.4 Quarta Temporada

Nesta temporada somos apresentados a uma série de episódios com consideravelmente menos deduções brilhantes e mais ação. Também temos um vislumbre do Sherlock Holmes original com um episódio especial que se passa quase totalmente durante o período entre o final do século XIX e início do século XX (época em que os romances foram escritos) - entretanto, depois descobrimos que todo o episódio funciona como uma forma que o detetive encontrou para tentar resolver o mistério da possível volta de Moriarty à vida: Sherlock imagina-se cem anos atrás, resolvendo o caso de uma noiva que se matou, mas que volta a assombrar diversos homens depois. Como de costume, temos a cena em que o detetive se retira em seu palácio da memória, porém as palavras que apareciam em tela nos episódios anteriores foram substituídas por recortes de jornais flutuantes. Sherlock ainda consegue manipulá-los, porém agora de uma forma muito mais “física” (figura 13).



Figura 13 Sherlock manipulando fisicamente os pedaços de jornal que funcionam como sua fonte de informação. Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Douglas Mackinnon, 2016), “The Abominable Bride”, primeiro episódio da quarta temporada, 00:55:16

No começo dos episódios seguintes, temos um Sherlock muito animado e focado, que resolve inúmeros casos de uma vez em um ritmo frenético. Isso muda quando, após um erro seu (que foi um acesso exagerado de autoconfiança e arrogância acerca de suas próprias deduções brilhantes), Mary acaba levando um tiro em seu lugar e morre. Claramente, sua relação com John se deteriora bastante e, no próximo episódio, somos apresentados a um detetive completamente louco e consumido pelas drogas, que fica obcecado por Culverton Smith, uma importante figura midiática, e o acusa de ser um *serial killer*. Nesse meio tempo, Sherlock encontra-se com sua suposta filha Faith, que lhe dá um bilhete dizendo que seu pai desejava matar alguém. Desta vez, conseguimos perceber o estado mental alterado do personagem principal quando, em certo momento, seu cérebro aponta que há “algo” a ser deduzido sobre Faith (figura 14), mas ele mesmo não consegue entender o que é e diz que às vezes seu cérebro funciona rápido demais (algo que seria praticamente impensável de acontecer na primeira ou segunda temporada). Da mesma forma, em certos momentos sua linha de raciocínio parece até mesmo dolorosa para ele, o que talvez seja um efeito das drogas em seu organismo.



Figura 14 O detetive não consegue acompanhar a velocidade de seu próprio raciocínio. Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Nick Hurran, 2017), “The Lying Detective”, segundo episódio da quarta temporada, 00:12:39

O último episódio da temporada nos mostra um Sherlock completamente diferente de tudo o que vimos: confrontado por sua irmã Eurus - que ele não se lembrava de que existia, devido a acontecimentos traumáticos do passado que a fizeram ser confinada a uma instituição psicológica - Sherlock precisa lidar com uma extrema pressão psicológica que coloca a ele e seus amigos em perigo. Sem ricas deduções a serem feitas e, portanto, praticamente sem mostrar nenhum elemento gráfico, o detetive, seu irmão Mycroft e Watson são obrigados a performar uma série de tarefas para que possam se ver livres do controle de Eurus. O momento em que Holmes perde completamente o controle e destrói uma das salas às quais estão confinados (figura 15), depois de ser obrigado a brincar com os sentimentos da legista Molly, é o momento onde a desconstrução do detetive frio e metódico que havia começado na temporada anterior culmina em um simples ser humano capaz de sentir emoções, cometer erros e até duvidar de si mesmo.



Figura 15 Sherlock se descontrola. Fonte: Captura de tela da autora. SHERLOCK (Benjamin Caron, 2017), “The Final Problem”, terceiro episódio da terceira temporada, a partir de 01:03:54..

5. Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo principal analisar as mudanças comportamentais no personagem Sherlock Holmes no decorrer da série britânica Sherlock sob a ótica da teoria de Jacques Derrida acerca do mal de arquivo; bem como investigar de que forma as inscrições gráficas usadas para representar seu raciocínio interferiam na narrativa.

Para chegar às considerações aqui presentes, a série completa foi assistida diversas vezes enquanto eram tiradas capturas de telas, as quais foram mais tarde divididas em categorias que auxiliaram na análise do produto no geral. Para uma melhor ilustração da ideia, também foi feita uma comparação entre um episódio da série e o livro no qual este foi inspirado.

Desta forma, após ter analisado a série e compreendido as implicações do mal de arquivo, não apenas na sociedade como a um nível pessoal, pode-se concluir que esta representação do pensamento (algo que é inerentemente irrepresentável) causa uma pulsão violenta, destruidora, contra a existência do próprio personagem e sua psique. Isso fica claro ao observarmos sua evolução durante a série: ele se transforma de um homem frio, extremamente pragmático e racional para alguém muito mais humano, completamente tomado por suas emoções e vícios.

O conceito de *arkhêon* (DERRIDA, 2001) foi relevante para a análise da série, pois foi notado que este manifesta-se como o palácio mental do personagem principal. O que, inicialmente, consistia em uma sequência de elementos gráficos projetados ao redor de Sherlock, passou então a ser representado fisicamente, onde também foi possível notar a presença do elemento humano nas deduções do detetive – estes, por sua vez, agora servindo como um corpo exterior aos quais Sherlock deposita suas memórias.

A relação dos personagens com a tecnologia que os rodeia também foi um fator importante a ser considerado, uma vez que estes utilizaram-na extensivamente para diversos fins. Para Holmes, seu *smartphone* é uma extensão de seu cérebro e também uma forma de comunicação com outros personagens; já para Watson, seu *blog* é seu *Wunderblock*, uma exteriorização de suas memórias e pensamentos. Pôde-se perceber que os questionamentos de Derrida (2001) acerca da evolução das máquinas de arquivamento foram pertinentes e refletiram-se de maneira clara nos personagens, especialmente em Sherlock, já que ele nos é apresentado como um detetive tecnológico, alguém que possui um cérebro equivalente a um computador. Tal fato abre diversos novos caminhos de pesquisa relevantes que não foram abordados no presente artigo, como a relação entre o homem e a tecnologia, as implicações de um homem pós-moderno ou até mesmo os possíveis efeitos de uma espetacularização de si mesmo.

Finalizando, vale dizer que o detetive muda justamente porque a representação de seu raciocínio também o faz: este passa de inscrições gráficas claras e ordenadas para cenas caóticas que se passam exclusivamente dentro de sua mente, que também contam com a interferência de outros personagens. Desta forma, pode-se dizer que o fato de Sherlock Holmes operar com suas memórias de uma forma completamente arquivada, ou seja, como todo seu raciocínio é

solidificado na forma de palavras, há uma destruição de sua psique e, por consequência, de sua personalidade como um todo.

Referências:

ARRUDA, Renata et al. **Veja os números da audiência de cada temporada de Sherlock no Reino Unido**. 2017. Disponível em: <<http://sherlockbrasil.blogspot.com.br/2017/04/veja-os-numeros-da-audiencia-de-cada.html>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

DERRIDA, Jacques. **Mal de Arquivo: Uma impressão Freudiana**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001. Tradução de Cláudia Moraes Rego.

DINIZ, Aline. **Sherlock é a série mais assistida da BBC pelos últimos dez anos**. 2014. Disponível em: <<https://omelete.uol.com.br/series-tv/noticia/sherlock-e-serie-mais-assistida-da-bbc-pelos-ultimos-dez-anos/>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

DOYLE, Arthur Conan. **O Cão dos Baskerville**: Edição de Bolso de Luxo. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. (Clássicos Zahar). Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges.

IMDB. Disponível em <<http://www.imdb.com/title/tt1475582/>> Acesso em: 25 jul. 2017

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Editora Atlas Sa., 2003.

NEWS, Guinness World Records. **Sherlock Holmes awarded title for most portrayed literary human character in film & TV**. 2012. Disponível em: <<http://www.guinnessworldrecords.com/news/2012/5/sherlock-holmes-awarded-title-for-most-portrayed-literary-human-character-in-film-tv-41743/>>. Acesso em: 25 jul. 2017

Critic Reviews for Sherlock: Season 4. Disponível em <<https://www.rottentomatoes.com/tv/sherlock/s04/reviews/>>. Acesso em 28 ja. 2018.

SIMPSON, Aislinn. **Winston Churchill didn't really exist, say teens**. 2008. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/uknews/1577511/Winston-Churchill-didnt-really-exist-say-teens.html>>. Acesso em: 28 jan. 2018.

YEHUDA, Anna Ben. **This map highlights the most popular shows on Netflix in 91 countries**. 2017. Disponível em: <<https://www.timeout.com/usa/blog/this-map-highlights-the-most-popular-shows-on-netflix-in-91-countries-050817>>. Acesso em: 20 jul. 2017.

